



FÁBIO PENTEADO E A ARQUITETURA DA MULTIDÃO: Um estudo de cinco projetos da década de 1960

MARTINS, LETÍCIA BORTOLO. (1);

1. *Universidade Estadual de Campinas. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo - PPGATC/FEC.*
arq.leticiabm@gmail.com

TAGLIARI, ANA. (2).

2. *Universidade Estadual de Campinas. Docente e Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo - PPGATC/FEC.*
tagliari.ana@gmail.com

RESUMO

Este ensaio propõe uma reflexão sobre a relação entre conceito e projeto na arquitetura de Fábio Penteadó. O conceito da Arquitetura da Multidão foi formulado por Fábio Penteadó e estabelece princípios para o desenvolvimento de uma arquitetura que tem as pessoas como protagonistas. Essa arquitetura, por sua vez, se relaciona de modo harmônico com a cidade, convidando os usuários a entrar, circular e interagir com o espaço e as outras pessoas, de modo natural. Foi estabelecido um recorte temporal da década de 1960 e, como objeto desta investigação, foram selecionados cinco projetos de edifícios públicos para analisar e compreender as relações entre o conceito e o projeto. Por meio da pesquisa pode-se verificar nos projetos analisados que o conceito da Arquitetura da Multidão, que fundamenta os projetos, fez criar espaços dignos, humanos, convidativos e que promovem os encontros e convívio harmônico entre as pessoas, por meio do desenho cuidadoso da implantação, dos acessos, da relação do edifício e do espaço urbano, elementos de circulação vertical convidativos, da organização do programa, criação de pátios amplos de distribuição e convívio, relação entre ambientes fechados e abertos, paisagismo, entre outras soluções e estratégias projetuais.

Palavras-chave: Arquitetura Paulista; Arquitetura da Multidão; edifícios públicos.



Fábio Penteadado e a Arquitetura da Multidão

Fábio é um arquiteto-pensador, um questionador intuitivo da dinâmica da vida, um observador atento do cotidiano, permanentemente preocupado com a dignidade humana.

Mônica Junqueira De Camargo (In: PENTEADO, 1998, p. 9).

Fábio Moura Penteadado nasceu em 1929 na cidade de Campinas e cursou arquitetura entre os anos de 1948 e 1953 na Universidade Mackenzie. Seu período de vida coincide com vários acontecimentos significativos durante o século XX que contribuíram para a configuração sociocultural do Estado de São Paulo e do Brasil.

Sua carreira teve início em um período importante do contexto cultural da cidade de São Paulo concomitantemente com a inauguração do Museu de Arte de São Paulo (1947), do Museu de Arte Moderna (1948), a emancipação dos cursos de Arquitetura do Mackenzie (1947) e da Universidade de São Paulo (1948), a criação da Bienal Internacional de Artes Plásticas (1951) e as festividades do IV Centenário da fundação do município (1954).

Juntamente com outros profissionais da época, Penteadado participou do Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963) para projetarem inúmeras obras públicas em todo o Estado – entre hospitais, escolas e fóruns de justiça – que foi essencial para o desenvolvimento e concretização da Arquitetura Moderna Paulista (GIROTO, 2013, p. 241-242). Este tema vem sendo investigado profundamente pelo professor Miguel Buzzar do IAUUSP com diversas publicações provenientes desta pesquisa.

Expressiva formalmente e com forte conteúdo conceitual, a arquitetura de Fábio Penteadado não acompanha somente os ensinamentos e a linguagem difundidos pela Escola Paulista, mas também apresenta outras inspirações. Apesar de sua arquitetura ter contribuído para a consolidação da linguagem Paulista da Arquitetura, sua produção possui relação próxima com a geração inicial de arquitetos que se reuniram em torno dos conceitos e linguagem dos ensinamentos do importante mestre Vilanova Artigas, porém também admite várias referências que definem sua arquitetura por meio de uma liberdade formal e expressiva, garantindo que sua obra seja singular dentre o conjunto das obras produzidas pelos arquitetos atuantes na Escola Paulista. A ideia de uma arquitetura coletiva e cívica, forte característica da Arquitetura Moderna Paulista, permeia toda a obra de Penteadado (GIROTO, 2013, p. 68).

Penteadado teve uma grande importância para a arquitetura Paulista e Brasileira. O estudo de sua arquitetura indica uma preocupação latente por solucionar os problemas ocasionados pela grande explosão da população urbana, sempre com atenção especial a vida individual das pessoas que a frequentam e a experimentam (GIROTO, 2013, p. XIV).



De modo complementar sobre sua arquitetura, Jorge Czajkowski (In: EMANUEL, 1980, p. 617, tradução da autora) afirma que Penteado:

Há em seu trabalho um delicado equilíbrio entre núcleos funcionais, cujos elementos são definidos com precisão, e complexos espaciais abertos a uma variedade de usos, projetados para permitir ao usuário uma ampla gama de interpretações. Além disso, seus objetivos arquitetônicos são definidos conceitualmente. Um edifício pode ter um uso específico, mas nunca deve compartimentar ou excluir o mundo em mudança. Um edifício deve conviver com o mundo, convidando a participação ativa do usuário, assumindo um caráter quase didático ao aceitar e provocar uma constante redescoberta do papel e a consequente mudança em sua função social. Os clientes de Fábio Penteado são o grande público brasileiro: esmagados, intimidados, discriminados e desorientados pela surpreendente explosão populacional. Sua preocupação básica é restaurar a dignidade para o uso diário do ambiente artificial - uma preocupação fundamental para seus edifícios. E, portanto, seu papel mais amplo, o de apresentar ideias criativas e projetos para a arquitetura de massa.

Dessa maneira, a arquitetura realizada por Fábio Penteado ficou conhecida pela conceituação da Arquitetura da Multidão. Sobre essa sua fundamentação subjacente ao ato de projetar, o arquiteto afirmou:

Talvez, o maior papel dos arquitetos nesta nossa época, seja construir os novos espaços de encontros e convivências para as multidões das grandes cidades. De repente, o desenho dos edifícios quase perde o sentido, se o edifício, isolado a paisagem urbana, não comunicar a participação de todas as pessoas naquilo que possa representar e viver melhor. E, certamente, os ideais de bem-estar e a paz terão de ser conquistados por toda a gente, também com a força e o poder da arte e da beleza (Texto escrito originalmente em 1972. In: PENTEADO, 1998, p. 2).

Se entende que a forma e o espaço em arquitetura pressupõem uma Teoria. Seu propósito é estabelecer conceitos para proporcionar liberdade, mesmo subordinada a princípios. No que diz respeito a Escola Paulista e os ensinamentos do mestre Vilanova Artigas verificamos a harmonia de conceitos e princípios, a partir da leitura dos textos escritos por Artigas, como “A função social do arquiteto” e “Caminhos da arquitetura”, além da observação de sua obra arquitetônica. Pode-se identificar conceitos importantes presentes tanto no discurso teórico quanto na prática projetual e sua materialização: novos caminhos, novos rumos, busca de novas e variadas formas e soluções técnicas; caráter inovador no terreno, domínio da técnica e da ciência, especialmente pelo moderno método do concreto armado. Estrutura definidora da arquitetura; espírito nacional, criação, desenvolvimento e fortalecimento de uma arquitetura autêntica nacional paulista, identidade; ambientes que promovem encontros e convivência, o humano, o coletivo e social.



Sendo assim, a arquitetura de Fabio Penteadó indica que seus projetos são capazes de acomodar o indivíduo multitudinário, procurando soluções em várias escalas, tanto para a cidade, como para seus habitantes.

Década de 1960, a seleção e os projetos

A década de 1960 e meados de 1970 ficaram esquecidos durante vários anos pelos autores que os considera como três grandes momentos: movimento moderno, Brasília e Pós-Brasília - após 1980 (BASTOS; ZEIN, 2010, p. 51). Esse pensamento dificulta a abrangência correta dos outros acontecimentos dessas duas décadas que são tão importantes quanto. De acordo com Bastos e Zein (2010, p. 52), “do ponto de vista puramente quantitativo a arquitetura brasileira vai, de fato, a partir da década de 1960, se consolidar, ampliando e desdobrando novos horizontes profissionais”.

Foi na década de 50 que Fábio Penteadó iniciou sua carreira como arquiteto. Porém, foram as décadas de 1960 e 1970 as com mais produções, sendo 30 e 35 projetos, respectivamente, dentre os 107 catalogados nessa pesquisa, que foram construídos ou não. Deste modo, selecionamos projetos da década de 1960 para a análise pretendida, relacionando teoria e projeto, ou seja, o conceito da Arquitetura da Multidão e sua materialização nos projetos.

A figura 1 apresenta os 30 projetos referentes à década de 1960 dando destaque para os que foram analisados e serão apresentados nesse artigo. Essa seleção foi realizada a partir do pressuposto da possível relação em que o edifício, mesmo tendo seu uso específico, promove, permite e convida o usuário para uma participação além da sua proposta funcional principal, a partir da conceituação da Arquitetura da Multidão.

ANO	PROJETO	CIDADE	CONSTRUÍDO
1960	Grupo Escolar Vila Stanislau	Campinas, SP	X
1960	Fórum de Araras	Araras, SP	X
1960	Escola Técnica de Química - Cons. Antônio Prado	Campinas, SP	X
1960	Museu do Café	Campinas, SP	
1960	Unidade Sanitária	Barretos, SP	
1960	Teatro Municipal	Piracicaba, SP	
1961	Instituto de Eletrotécnica - USP	São Paulo, SP	
1962	Sede do Clube de Campo do Jockey Clube	Campinas, SP	
1962	Cidade dos Doqueiros	Santos, SP	



1962	Monumento de Playa Girón	Cuba	
1962	Conjunto Habitacional Bairro do Limão	São Paulo, SP	
1963	Cooperativa dos Funcionários do Jockey Clube	São Paulo, SP	X
1964	Sede do Clube XV	Santos, SP	
1964	Sede da Sociedade Harmonia de Tênis	São Paulo, SP	X
1965	Catedral Presbiteriana	Brasília, SP	
1965	Complexo Turístico de San Sebastián	Espanha	
1965	Monumento Comemorativo aos Trinta Anos	Goiânia, GO	
1965	Mercado do Portão	Brasília, DF	
1966	Residência Sondeyker	São Paulo, SP	X
1956	Estação de Tratamento de Água II	Campinas, SP	
1966	Teatro de Ópera	Campinas, SP	
1966	Estação de Tratamento de Água	Pirassununga, SP	
1967	Conj. Habitacional Zezinho Prado - Parque Cecap	Guarulhos, SP	X
1967	Centro de Convivência Cultural	Campinas, SP	X
1968	Hospital-Escola - Santa Casa	São Paulo, SP	X
1968	Secretaria da Agricultura	São Paulo, SP	
1968	Hotel Palácio dos Azulejos	Campinas, SP	
1968	Estação de Tratamento de Água III	Campinas, SP	
1968	Parque dos Anciãos	Campinas, SP	
1969	Escola Técnica de Vila Alpina	São B. do Campo, SP	X

Figura 1. Tabela com catalogação dos projetos do arquiteto Fábio Penteadó para a década de 1960

Fonte: Autora, 2019

Fórum de Araras

Projetado em conjunto com José Ribeiro em 1960 na cidade de Araras, interior de São Paulo, o Fórum (figura 2) foi uma das obras idealizadas pelo Plano de Ação do governador Carvalho Pinto. De acordo com Penteadó (1998, p. 56), sua intenção “era adequar o ambiente às condições de seus usuários, tornando-o mais acessível e humano, para que todas as camadas da sociedade pudessem apropriar-se do espaço e nele sentir-se à vontade”.



O terreno oferecido era um quarteirão com geometria irregular, apresentando cinco lados. No centro geométrico do lote, numa implantação de forma quadrada, os arquitetos organizaram o programa de modo a dispor o espaço do edifício sem portas, nem saguão, mas sim uma “praça coberta” convidativa, como num prolongamento do espaço urbano da cidade, com a finalidade das pessoas entrarem, sentarem-se e conversarem. No nível térreo, o programa se desenvolve em três blocos diferentes conectados à praça: sala do Júri ou auditório; escada e caixa d’água; cartórios, setores administrativos e de serviços. No nível superior localizam-se as salas dos advogados, promotores e o gabinete do juiz, oferecendo uma maior privacidade e segurança (PENTEADO, 1998, p. 56).

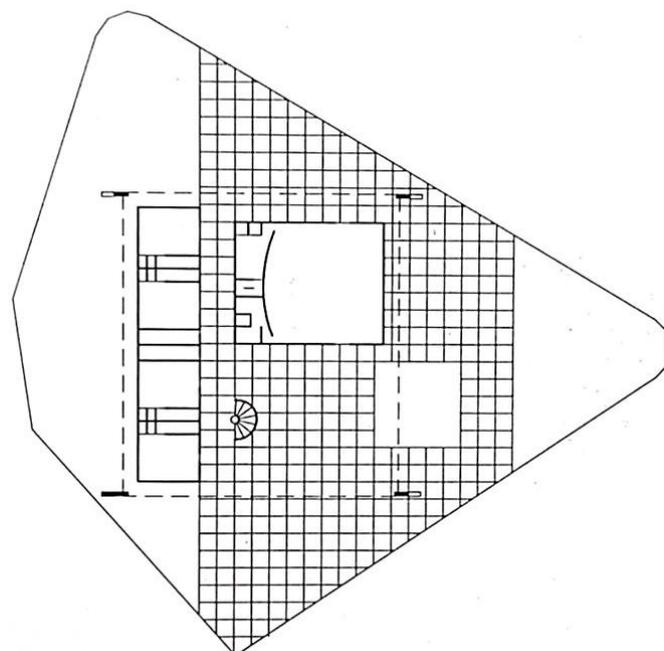
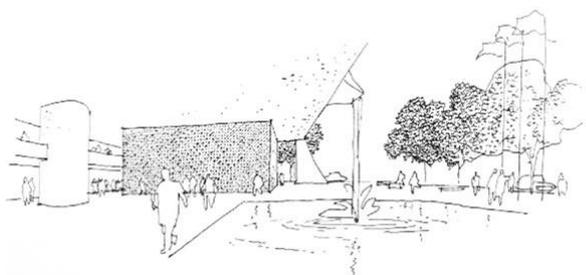


Figura 2. Fórum de Araras de 1960

Fonte: PENTEADO, 1998, p. 56-57

Além da praça coberta, junto com um paisagismo e uma cascata com espelho d’água que promove uma qualidade da temperatura, as demais áreas do terreno também têm funções importantes no que diz respeito à convivência e encontros, para as pessoas se achegarem e usufruírem desse espaço.

Apesar do programa de necessidades demandar espaços funcionalmente sérios, num ambiente jurídico, os arquitetos a partir da conceituação teórica e especialmente da Arquitetura da Multidão conceberam um edifício convidativo, com formas leves de laje sinuosamente curva, sob quatro pilares, que cumpre a sua função, mas que é diferente de todos os outros Fóruns que Fábio visitou antes de projetá-lo: “todos (os



fóruns) seguem a mesma fórmula, imitando construções greco-romanas com colunas, imensos portais pomposos e pé-direito altíssimo” (PENTEADO, 1998, p. 56).

Este projeto permite compreender como o questionamento programático, e a consequente reproposição arquitetônica, se definem em função do encontro entre ser humano e arquitetura, pensada de modo a criar condições de atuação autônoma a partir do reconhecimento do espaço como parte da vida cotidiana. Da quebra de barreiras à apropriação pública do espaço, sugerido como território da coletividade, trabalha no sentido de desmistificar as conotações negativas que a imposição arquitetônica pode causar (GIROTO, 2013, p. 18 e 19).

Museu do Café de Campinas

Projetado em conjunto com José Ribeiro em 1960 para a cidade de Campinas, interior de São Paulo, o Museu foi uma proposta solicitada pela prefeitura com a intenção de:

[...] reunir, num só conjunto arquitetônico e paisagístico, elementos que contassem a história e as tradições do cultivo, da colheita, do beneficiamento e do preparo do café, desde a escravidão até os dias de hoje (PENTEADO, 1998, p. 194).

O projeto, que inclui um museu e uma biblioteca, foi projetado para um terreno localizado dentro do Parque Taquaral, uma área importante e nobre da cidade até hoje. O edifício está alocado sob um típico terreiro de café com 200 metros de extensão (figura 3).

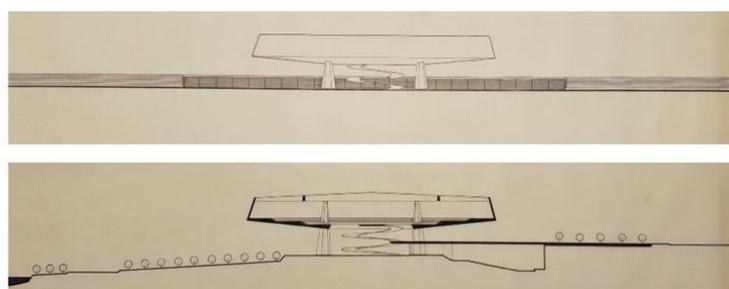
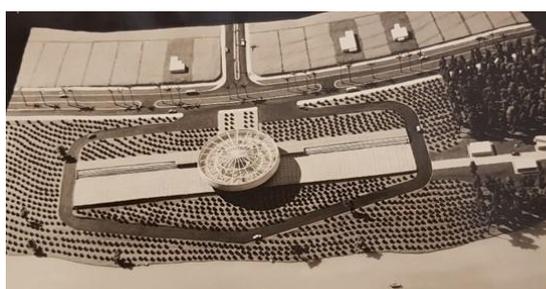


Figura 3. Museu do Café de 1960

Fonte: Acervo Fábio Penteado. Foto Letícia Bortolo Martins, 2018

A configuração formal do edifício segue a função do percurso circular proposto, com uma rampa em espiral, o edifício principal abriga o Museu. Os demais usos são distribuídos em um segundo edifício semienterrado com setores de apoio para o museu como o administrativo, sanitários, auditório, hall, cozinha, restaurante e bar. Ainda nesse mesmo nível, o arquiteto planejou um amplo espaço externo, destinado a exposições ao ar



livre, e duas grandes escadarias que se configuram como ambientes de encontros, arquibancadas com capacidade para até 5000 pessoas, além de naturalmente ser um elemento de circulação vertical.

Os arquitetos, mesmo com o extenso terreno, decidiram elevar o museu criando, sob ele, uma praça coberta que funciona como espaços de convivência, e de encontros e, seguindo o perfil da topografia do terreno, um espaço de apreciação à natureza, tanto com vista para os pés de café, como para a lagoa. Para Giroto (2013, p. 349), “o museu se apresenta como uma grande forma circular pura, elevada sobre um tradicional terreiro de café, convertido em espaço público aberto”.

Teatro Municipal de Piracicaba

Projetado em conjunto com José Ribeiro em 1960 para a cidade de Piracicaba, interior de São Paulo, o teatro demonstra a concepção coletivista de Fábio para que integrasse o projeto à vida da cidade, principalmente de seus estudantes (PENTEADO, 1998, p. 92).

O terreno escolhido era uma praça; uma solução convencional poderia reduzi-lo a um bloco construído, com as quatro calçadas meramente alargadas. Nasceu então o que considero um dos meus projetos mais bonitos, em termos de concepção e desenho. É teatro e é praça (PENTEADO, 1998, p. 92) (figura 4).



Figura 4. Croquis da evolução projetual do Teatro de Piracicaba

Fonte: PENTEADO, 1998, p. 92

O teatro foi encomendado para quinhentos lugares e o terreno dava vista para o rio Piracicaba. “Tirando proveito dessa paisagem, Fábio imaginou uma composição de planos que sobrepunham, constituindo volumes circulares que se abriam a partir de um ponto central – como uma flor de concreto” (PENTEADO, 1998, p. 92).

Além do teatro, o programa contava com biblioteca, salão de exposições, um café que se abriria para um terraço com um pequeno anfiteatro ao ar livre e uma grande praça que poderia ser visitada pela população em qualquer hora do dia, mesmo que o teatro estivesse fechado (figura 5).

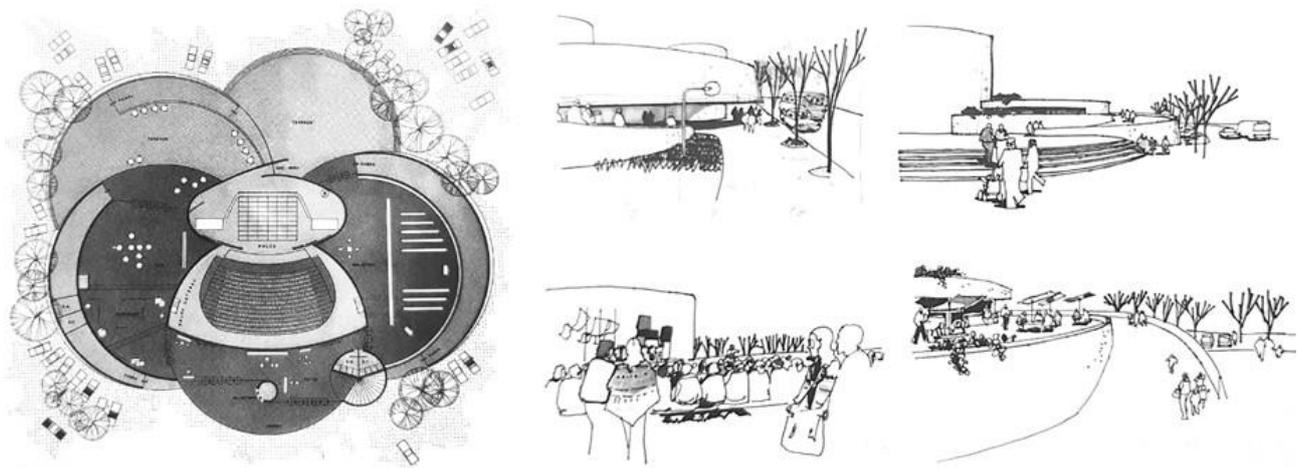


Figura 5. Teatro de Piracicaba de 1960

Fonte: PENTEADO, 1998, p. 92

Ainda sobre o teatro ser frequentado em todas as horas, Penteado (1998, p. 92) diz “contra aquele teatro que só abre as portas na hora do espetáculo, um teatro que seja usado e tenha rentabilidade 24 horas por dia: se você usa o dinheiro público, deve garantir rentabilidade cultural, como se fosse o melhor negócio”.

Teatro de Ópera de Campinas

Projetado em conjunto com Aldo Calvo, Alfredo Paesani e Teru Temaki em 1966 para a cidade de Campinas, interior de São Paulo, o projeto do teatro (figura 6) ainda contou com uma equipe de doze profissionais especialistas em cenotécnica, cenografia, acústica e sonorização (PENTEADO, 1998, p. 95).

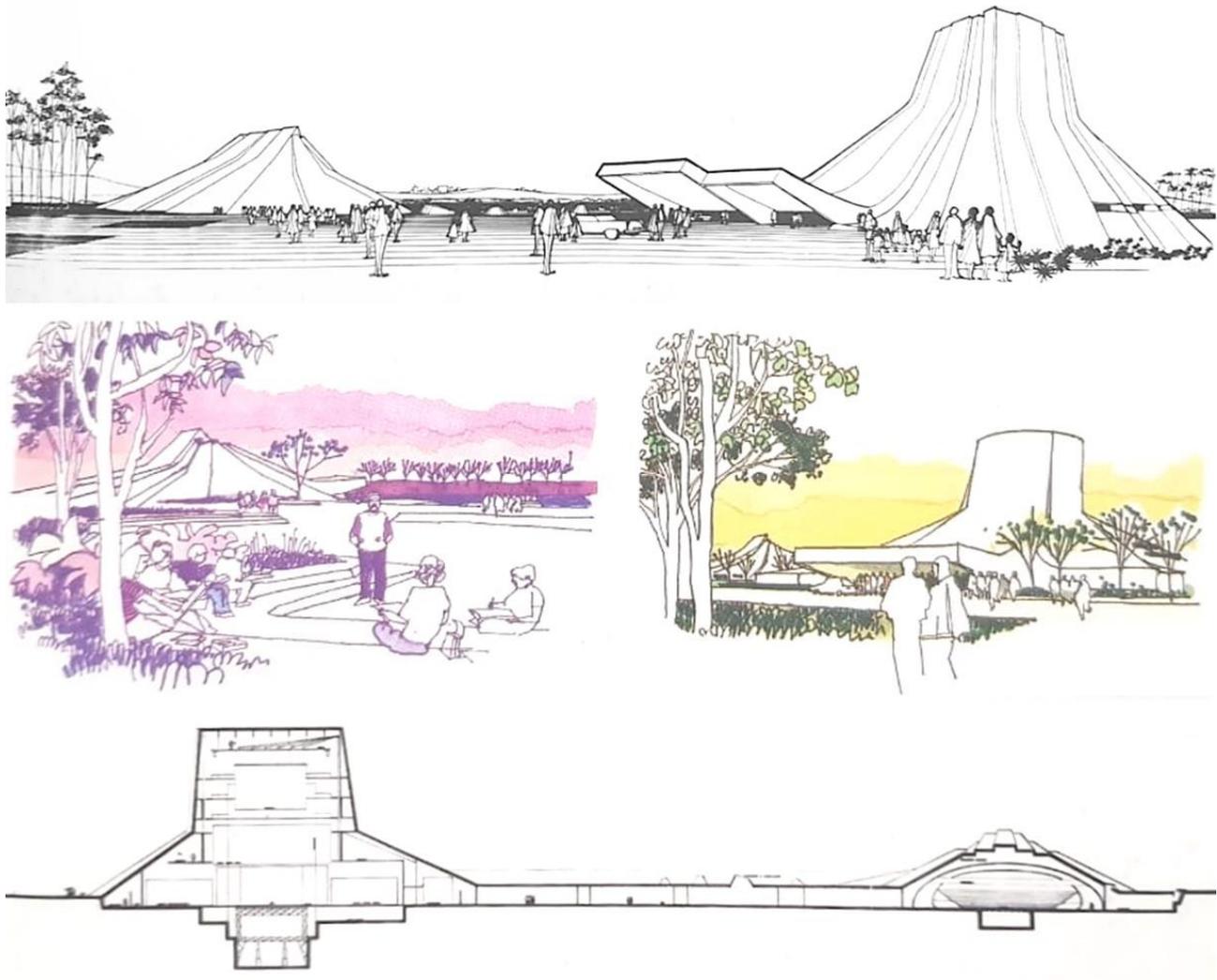


Figura 6. Teatro de Ópera de Campinas de 1966

Fonte: PENTEADO, 1998, p. 95, 98 e 197

O Teatro de Ópera foi projetado para atender três tipos de apresentação: óperas grandes, médias e pequenas apresentações e tinha capacidade para mil e quinhentas pessoas.

A plateia, projetada em plano único, dispunha de apenas um camarote para autoridades, com acesso independente. As mudanças de cenário eram previstas por sistemas tanto verticais como horizontais, com a possibilidade de uso de dois giratórios tangentes localizados em qualquer ponto do palco (PENTEADO, 1998, p. 95).

O segundo teatro foi projetado para receber comédia e arena além de palco elisabetano, clássico e integral.

A maleabilidade dos espaços cênicos é consequência de minucioso estudo de vários



componentes: a composição do espaço interno; a forma da cúpula; a fácil mobilidade das poltronas, permitindo disposições variadas na plateia; uma passarela atravessando o espaço cênico a 5 metros de altura; e um giratório de 8 metros de altura permitindo rápida modificação dos espaços cênicos e de novos recursos de instalação de iluminação e som (PENTEADO, 1998, p. 95).

O grande terreno disponível fez com que o arquiteto pudesse projetar dois teatros distintos e, aproveitando o declive natural, foram desenhados degraus formando um terceiro espaço ao ar livre que ficaria de frente para a lagoa do Taquaral, onde uma ilha artificial faria o papel de palco (PENTEADO, 1998, p. 95).

Apesar dos dois teatros serem afastados, eles seriam interligados por uma galeria de serviços comum, contendo sala de ensaio, coro, instalações de apoio e camarins. “Todos eles com iluminação e ventilações naturais – preservando a vista para a lagoa –, em vez dos tradicionais porões e subsolos onde se costuma instalar tais equipamentos” (PENTEADO, 1998, p. 95).

Centro de Convivência Cultural de Campinas

Projetado em conjunto com Aldo Calvo, Alfredo Paesani e Teru Temaki em 1967 para a cidade de Campinas, interior de São Paulo, o Centro de Convivência Cultural foi o único de fato construído.

O projeto teve como partido um programa encomendado para uma sala de quinhentos lugares, porém, mantendo a área construída ocupada por um teatro desse porte, conseguiu fazer um projeto muito maior e retomou as diretrizes e conceitos utilizados nos projetos do Teatro Municipal de Piracicaba e do Teatro de Ópera de Campinas (PENTEADO, 1998, p. 100).

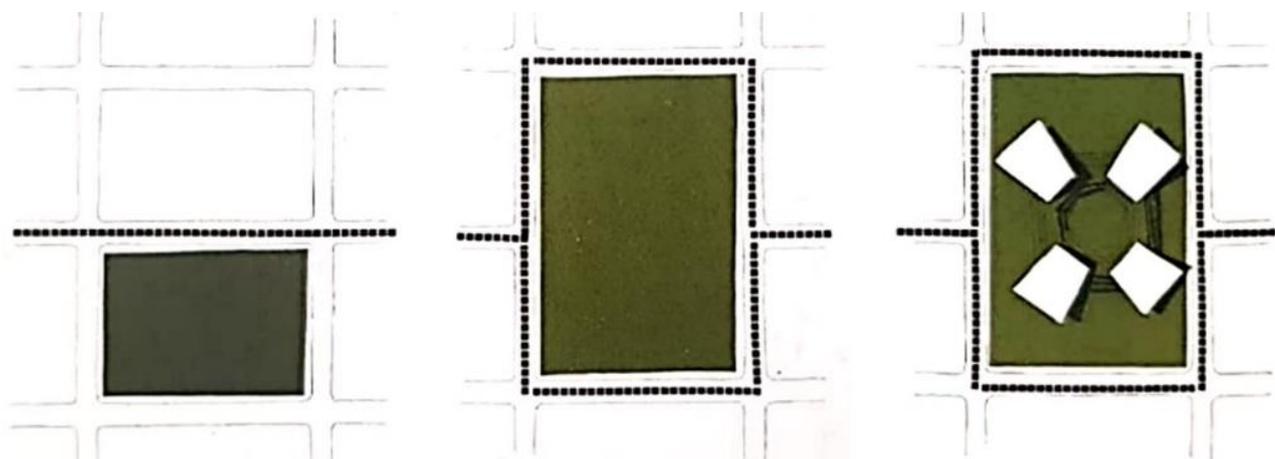
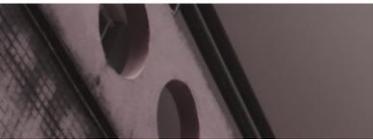


Figura 7. Croquis da ampliação do terreno

Fonte: PENTEADO, 1998, p. 100



Quando Fábio foi visitar o terreno disponibilizado pela prefeitura de 6.000 metros quadrados, ele propôs sua ampliação incorporando-o a uma área vizinha que era a antiga Praça Imensa Iluminense (figura 7). Feito essa alteração, os dois terrenos formaram uma grande praça circular, com cerca de 40.000 metros quadrados, que ficou como uma grande rotatória para a Avenida Júlio Mesquita, uma das mais importantes da cidade.

O projeto repartiu o edifício de um teatro padrão em quatro blocos que são:

O maior deles é a sala de espetáculos; o segundo define o acesso ao conjunto; o terceiro constitui um bar que se abre para a praça; e o quarto forma as áreas de trabalho. Esses blocos são interligados por uma galeria a meio subsolo, substituindo o tradicional *foyer*. Num certo trecho, a galeria tem o pé-direito mais alto para permitir a exposição de objetos maiores. Além disso, poderia funcionar como uma “calçada coberta”, proporcionando aos pedestres cortar caminho, usufruindo das mais variadas exposições (PENTEADO, 1998, p. 100).

Esses quatro blocos são voltados para uma grande arena central que pode abrigar até oito mil pessoas (figura 8).

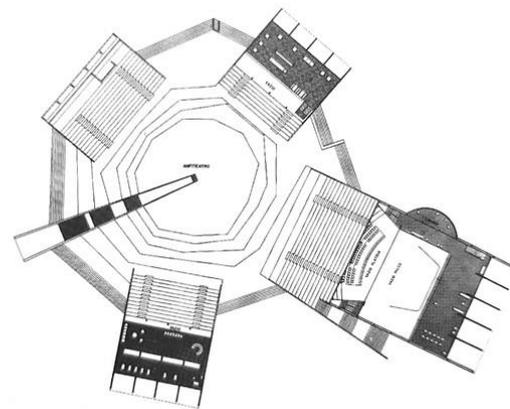


Figura 8. Centro de Convivência de Campinas de 1967

Fonte: PENTEADO, 1998, p. 100

Sendo assim, “a flexibilidade dos espaços foi entendida como condição básica para a eficácia da proposta, garantindo a multiplicidade de uso prevista” (PENTEADO, 1998, p. 100).

Discussão e considerações finais

De longe é paisagem. De perto é monumento. A praça é o povo.

Fábio Penteadado (1962, p. 78)



A boa arquitetura 'se caminha' e 'se percorre' pelo interior e exterior. É a arquitetura viva.

Le Corbusier (2005, p. 43)

Na década de 1960, recorte temporal deste estudo, a vida urbana era um acontecimento relativamente recente, como observou Le Corbusier em seu livro originalmente publicado na década de 1920 "Urbanismo" (2009, p. 77). A explosão das cidades e da vida urbana geraram problemas e demandas que arquitetos e urbanistas puderam estudar, discutir e trazer soluções.

Portanto, a relação entre a arquitetura e a cidade, é tema de debate, discussão, crítica e investigação importante.

No campo da crítica Montaner observa (2007, p. 10):

A atividade do crítico consiste em compreender a obra para que seu conteúdo possa ser explicado ao público. Isso não significa que o crítico possa interpretar integralmente tudo aquilo que compõe a complexidade da obra arquitetônica, nem que seja capaz de esgotar os fundamentos da capacidade criativa do arquiteto. [...] Aspectos do autor e da obra sempre permanecerão desconhecidos, velados e inexplicáveis, à espera de futuras interpretações.

Através das análises realizadas, partindo do pressuposto da relação entre o conceito da Arquitetura da Multidão, buscando uma reflexão sobre a relação entre conceito e projeto na arquitetura de Fábio Penteadó, pode-se observar que o arquiteto estabeleceu princípios para o desenvolvimento de uma arquitetura que tem como protagonista as pessoas. Uma arquitetura que se relaciona de modo harmônico com a cidade, convidando os usuários a entrar, circular e interagir com o espaço e as outras pessoas, de modo natural.

Por meio da pesquisa pode-se verificar nos projetos analisados que o conceito da Arquitetura da Multidão subjacente aos projetos, fez criar espaços dignos, humanos, convidativos e que promovem os encontros e convívio harmônico entre as pessoas, por meio do desenho cuidadoso da implantação, dos acessos, da relação do edifício e do espaço urbano, elementos de circulação vertical acolhedor, da organização do programa, criação de pátios amplos de distribuição e convívio, relação entre ambientes fechados e abertos, paisagismo e desenhos de piso, entre outras estratégias projetuais.

Após a análise dos cinco projetos selecionados da década de 1960, pode-se perceber que a arquitetura de Fábio Penteadó se revela inquieta e não se contenta em propor o óbvio, tanto em relação ao que se produzia na época, como em relação ao programa de necessidades. Fábio Penteadó trouxe ao debate ideias inovadoras, criativas e questionamentos.



Seus projetos não se contentam em propor novos espaços para programas tradicionais, mas expressam a necessidade veemente de reelaborar conceitos programáticos. Suas propostas, independentemente da escala ou da especificidade técnica dos programas, acabam por ser constituir em dinâmicos centros de convivência (CAMARGO In: PENTEADO, 1998, p. 09).

Sempre rebelando-se a esquemas prefixados, quase como um princípio, Fábio Penteado não se deixa aprisionar pelo lugar-comum, em seus inúmeros projetos, subverte o programa, questiona, contrapropõe, pensa em redesenhos, em materiais que permitam uma nova escala dos equipamentos industriais para o habitar, para o urbano (SCHARLACH In: PENTEADO, 1998, p. 09).

No Fórum de Araras, a eliminação de uma porta de entrada, do saguão e da integração entre espaço público e privado quebraram a barreira entre justiça e usuários daquele espaço. Nesse projeto, o arquiteto trouxe a praça sob o edifício.

No Museu do Café de Campinas, a proposta de elevar o espaço expositivo configurando um espaço coberto no nível da rua, além de aproveitar a topografia do terreno para a inclusão de uma escadaria que também é arquibancada, demonstram a preocupação em repensar o programa de necessidades e trazer outras funções para as já existentes no projeto. Nesse projeto, Penteado trouxe a praça sob o edifício.

O Teatro Municipal de Piracicaba, aproveitando a vista para o rio Piracicaba, Fábio tinha a intenção de criar um espaço que fosse praça e teatro. Sendo assim, o arquiteto projetou terraços na parte superior do edifício, que conectavam com o café, biblioteca e sala de exposições e que poderiam ser utilizados qualquer hora do dia. Nesse projeto, Penteado trouxe a praça pública sobre o edifício.

O Teatro de Ópera de Campinas bem como o Centro de Convivência Cultural são dois projetos em que seus usos principais foram projetados em edifícios diferentes, porém, para unificá-los, o arquiteto projetou arenas para uso de eventos, mas também como espaços de encontros. Nesses projetos, Penteado adicionou a praça pública juntamente com os edifícios.

Os cinco projetos apresentados (figura 9) possuem conexão entre o meio urbano em que foram projetados e, em dois casos, construídos. Sem exceção, o projeto do edifício sempre é organizado em uma maneira que, ao seu redor ou sobre ele, seja configurada uma praça. Esta praça, juntamente com características específicas de cada projeto, envolvendo a organização do programa, definição do sistema de circulação, entre outras, que acolhem e convidam as pessoas a usufruírem desse espaço.

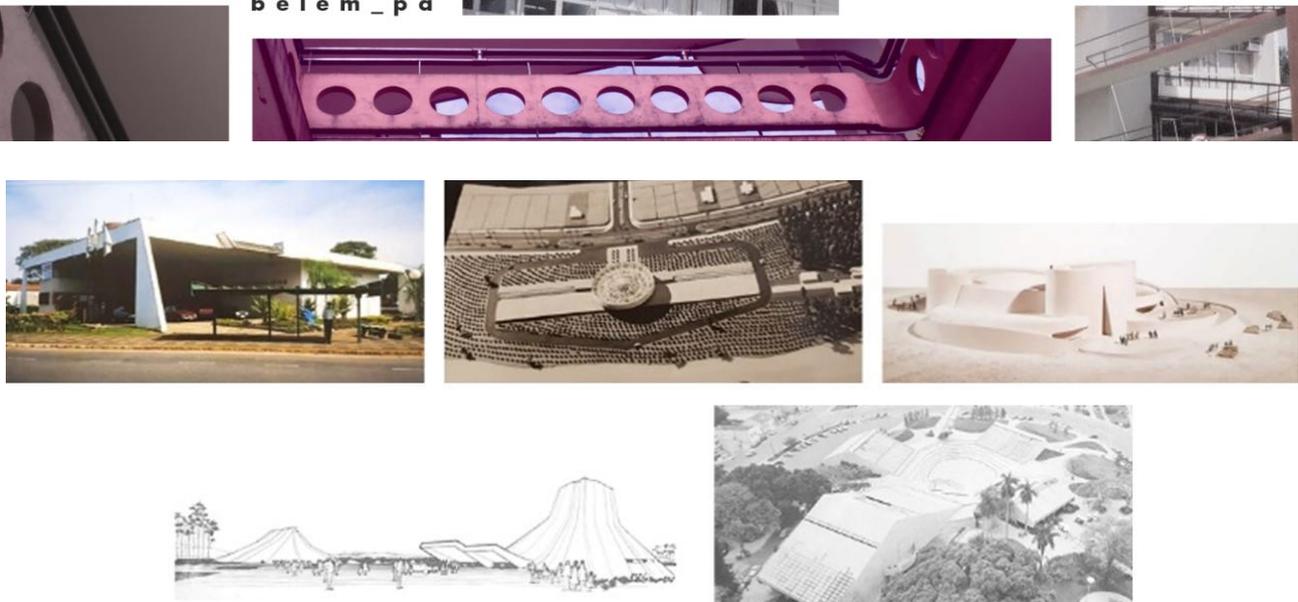


Figura 9. Conjunto de projetos analisados sob o olhar do conceito da Arquitetura da Multidão
Fonte: PENTEADO, 1998, composição da autora

Como observou Mônica Junqueira: “desvendar o funcionamento de cada edifício e a mecânica das atividades que abria, sem, contudo, perder a poética das coisas simples da vida, parece ser um grande desafio” (CAMARGO In: PENTEADO, 1998, p. 09). Com essas soluções e estratégias projetuais, Fábio Penteadó materializou o conceito da Arquitetura da Multidão, que tanto se importava, mesmo em edifícios de diferentes usos e finalidades. A função social fica sempre em evidência e demonstra a hierarquia de valores dos seus projetos.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Referências

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Lech, 1981.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **A função social do arquiteto**. São Paulo: Nobel/Fundação Vilanova Artigas, 1989.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.



BERGANTIN, Rachel; SILVA, Jasmine Luiza Souza; BUZZAR, Miguel Antonio. A dimensão pública dos edifícios projetados no Plano de Ação (1959-1963). **Anais do 7º Seminário Docomomo São Paulo**. A difusão da arquitetura moderna, 1930 – 1980. São Paulo, 2020.

CORBUSIER, Le. **Mensagem aos estudantes de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORBUSIER, Le. **Urbanismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

EMANUEL, Muriel. (ed.). **Contemporary architects**. Londres; Basingstoke: Macmillan Press, 1980.

GIROTO, Ivo Renato. **A praça é o povo**: Intenção, projeto e multidão na arquitetura de Fábio Moura Penteado. 2013. 453 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Departamento de Composição Arquitetônica, Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona.

MARTINS, Letícia Bortolo; TAGLIARI, Ana. Arquitetura de Fábio Penteado para Campinas: o Museu do Café. In: VI ENANPARQ, 2021, Brasília. **VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2021. v. 1. p. 174-192.

MARTINS, Letícia Bortolo; TAGLIARI, Ana. A arquitetura de Fábio Penteado e suas possíveis referências. In: 7º Seminário Docomomo São Paulo, 2020, São Paulo. **7º Seminário Docomomo São Paulo: A difusão da arquitetura moderna, 1930 - 1980**, 2020. v. 1. p. 119-130.

MONTANER, Josef Maria. **A crítica na arquitetura**. Barcelona, Gustavo Gili, 2007, p. 10.

PENTEADO, Fábio Moura. **Fábio Penteado**: ensaios de arquitetura. São Paulo: Empresa das artes, 1998. 210 p.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**. 1900-1990. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2018.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.